

La Comédiathèque

Um Pequeno Assassinato sem Consequências

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediathèque.net>

Um Pequeno Assassinato sem Consequências

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

*Do adultério involuntário ao homicídio involuntário,
vai apenas um passo, facilmente transponível.
Mais difícil é fazer desaparecer a prova do crime...*

Personagens

Albano
Eva
Carlos

© La Comédiathèque

Ato 1

Um salão burguês, estilo boémio, um pouco desarrumado. Um telemóvel, abandonado no chão, está a tocar. Eva chega, visivelmente preocupada. Tem sangue nas mãos. Ela olha para o telemóvel, sem atender.

Eva – Porra...

O telemóvel pára de tocar. Ela pega num lenço, apanha o telemóvel com cuidado e coloca-o no bolso. Tenta arrumar, rapidamente, a sala. Apanha do chão uma blusa manchada de sangue, que examina com espanto.

Eva – Oh não, isto não está a acontecer...

A campainha toca. Ela coloca a blusa sob uma almofada do sofá. Novo toque da campainha.

Eva – Já vai!

Ela desaparece um momento para ir abrir e volta atrás de Albano, seu marido.

Albano – Desculpa, esqueci-me outra vez das chaves. De qualquer forma, hoje está tudo a correr mal. Fui nomeado para defender uma mulher acusada de homicídio em primeiro grau. Olha, vais-te rir. Uma entusiasta de trabalhos manuais que cortou o marido em três bocados com uma serra eléctrica. E acontece que... *(Para ao reparar que Eva não está a ouvir)* Não pareces muito bem. Ainda estás bloqueada com a tua nova peça?

Eva – Sim, mas o problema não é esse...

Albano – Bem, estás a começar a assustar-me. Qual é o problema? Não me digas que a tua mãe vem jantar?

Eva – Não, não, não te preocupes...

Ela senta-se no sofá.

Albano – Nesse caso, não pode ser assim tão mau. Por falar nisso, o que é que queres comer? Não me apetece cozinhar. Podíamos encomendar sushi, e comer a ver televisão, não?

Eva – Sim... Mas, não... Não estou com cabeça para isso.

Albano – Não sabia que era preciso estar com cabeça para engolir sushi... *(Ele senta-se ao lado dela no sofá e beija-a.)* Não é como se te propusesse que me possuísses, aqui e agora, no tapete da sala. *(Perante a sua falta de entusiasmo)* Que entusiasmo! Bom, vou pedir dois menus. O que é bom no sushi, é que nunca arrefece!

Eva – Não é como os cadáveres.

Albano mostra surpresa ao ouvir esta frase mórbida.

Albano – Bom... enquanto esperamos pelo sushi, podes contar-me as tuas desgraças e eu farei o impossível para te devolver a alegria de viver. *(Pega no telemóvel e começa a marcar números.)* Soja ou teryaki?

Eva – O quê?

Albano – O molho, para o sushi! Soja ou teryaki?

Eva – Não sei...

Albano levanta-se e caminha pela sala...

Albano – Um de cada, como de costume... *(Com a pessoa no telefone)* Sim, é para uma entrega ao domicílio. Dois menus Califórnia. É isso, rua Fernando Pessoa, número 9... Então, um de soja e um teryaki. Ok, muito obrigado. *(Ela guarda o telemóvel.)* Daqui por meia-hora... Vá lá, vem e senta-te ao meu lado, o Papá vai cuidar de ti... *(Ela move uma almofada para lhe dar espaço, vê a blusa ensanguentada e puxa-a para si.)* O que é esta coisa horrível? O que é que aconteceu aqui? *(Vendo o sangue nas mãos dela.)* Estás ferida?

Eva – Não, eu... A blusa não é minha, e o sangue também não...

Albano – Então de quem é o sangue?

Eva – Olha, Albano, acho que matei alguém...

Albano *(incrédulo)* – Achas que...? O que é que estás a dizer?

Eva – Não, quer dizer... Eu não acho... Tenho a certeza...

Albano – Mas Eva, isso não é possível. Não se mata alguém assim. Olha para mim, por exemplo. Muitas vezes quis matar a tua mãe, e ainda não o fiz. E sabes porquê?

Eva – Não...

Albano – Porque não sou um criminoso, é por isso! Eu não ajo por impulso. Eu penso nas coisas! Eu meço os prós e os contras. E penso que 20 anos de prisão, ainda seria muito caro pagar pelo prazer que me daria o instante em que estrangulasse a tua mãe.

Eva – Parece que as mulheres resistem muito menos aos seus impulsos.

Albano – Escuta, Eva, eu trabalho com criminosos todos os dias no tribunal. E podes crer que tu não tens o perfil.

Eva – Eu também pensava assim... até há pouco tempo!

Albano – É uma ideia para a tua nova peça!

Eva – Desculpa?

Albano – A história de um homem que chega a casa depois do trabalho, e a quem a mulher diz que matou o amante? Queres testar a tua ideia em mim, não queres?

Eva – Porra, Albano, eu matei uma pessoa, queres que te faça um desenho?

Albano – É que não basta querer ser um assassino, sabes? Tens de prová-lo.

Eva – Ai sim...?

Albano – Se soubesses quantas pessoas assumem crimes que não cometeram... Na semana passada, no tribunal, estava a defender um escoteiro acusado de ter assassinado um padre. Bem, nem vais acreditar, mas havia meia dúzia de outros escoteiros que se gabavam de o terem assassinado também. Tive de batalhar para convencer o juiz de que o culpado era o meu cliente.

Eva – Bom... E como é que fizeste isso?

Albano – Muito simples... Ele era o único que sabia em qual árvore tinha enterrado o cadáver do santo homem!

Eva – E então?

Albano – E então? *Where is the body?*

Eva – Está ali ao lado, na cozinha.

Albano, de repente, parece perceber a gravidade da situação.

Albano – Na cozinha? Estás a brincar comigo.

Eva – Queres ir ver?

Albano olha para a cozinha, hesita mas desiste.

Albano – Mas... o que é que aconteceu? E, primeiro que tudo, quem é?

Eva – É... a Glória?

Eva – A Glória.

Albano – Oh, Não... Não pode ser a Glória...

Eva – Preferias que eu matasse outra pessoa?

Albano – Meu Deus, Eva... Diz-me que não é verdade...

Eva – Quem me dera... Infelizmente...

Albano – É uma piada, é isso?

Eva – É a blusa dela que tens nas mãos. Vê... Ela tem as iniciais gravadas na gola.

Albano lança um olhar alucinado à gola

Albano – G.R.

Eva – Glória Rodrigues. Além disso, não conhecemos mais ninguém que borde as suas iniciais depois da escola primária.

Albano – Mas, Eva... porquê?

Eva – Foi um acidente...

Albano – Um acidente? Queres dizer... Um acidente doméstico?

Eva – Podes chamar-lhe isso...

Albano – Então, desembucha! Estavas a cortar as sebes no jardim, não viste que ela estava lá atrás para te pregar um susto e cortaste-lhe... a carótida? Se for qualquer coisa assim, não te preocupes, não é crime... Com um bom advogado...

Eva – Infelizmente, não foi assim que aconteceu.

Albano – E como é que aconteceu, então?

Eva – Digamos que foi mais um... homicídio involuntário.

Albano – Como assim, involuntário?

Eva – Tivemos uma discussão.

Albano – Uma discussão? Queres dizer andaram à luta?

Eva – Sim, é isso. Andámos à luta, se preferes.

Albano – Andaram à luta a sério, e...?

Eva – Pelo menos, suficientemente a sério para que a matasse. Mas espera aí, eu sinto que já estou a responder a um interrogatório.

Albano – Desculpa... Ossos do ofício.

Eva – O que é certo, é que a matei.

Albano está devastado.

Albano – Isto é tudo culpa minha.

Eva – Como?

Albano – Quero dizer, não diretamente, mas....

Eva – Como assim, culpa tua?

Albano – Não te vou abandonar, Eva. Um crime passional, é um bom argumento na justiça, tu sabes.

Eva – Um crime passional? Queres dizer... Achas que eu e a Glória...?

Albano – Mataste-a porque dormi com ela, é isso?

Eva (*siderada*) – Dormiste com a Glória?

Momento de incerteza.

Albano – Não foi por isso que a mataste?

Eva – Não sabia que tu tinhas dormido com ela.

Albano – Já foi há muito tempo.

Eva – Há quanto tempo?

Albano – Não me lembro. Seis meses, mais ou menos...

Eva – Chamas a isso “muito tempo”? Daqui a nada, vais-me dizer que prescreveu, não?

Albano – Foi... um acidente.

Eva – É isso... “Um acidente doméstico”?

Albano – Não foi um caso romântico, Eva. Só aconteceu uma vez. Eu nunca a amei.

Eva – Ah, boa, agora é que vou dormir mesmo descansada... a saber que tu podes dormir com gajas de quem não gostas!

Albano – Gajas não! Foi só a Glória, a sério. Foi apenas um mal entendido! Quer dizer, a Glória! Francamente, estás me a imaginar com a Glória?!

Eva – Calminha, Lembra-te que ela é o minha melhor amiga.

Albano – Lembra-te que a mataste...

Eva – E como é que aconteceu, então?

Albano – Foi... um equívoco.

Eva – Ah, estou a perceber... Um adultério involuntário.

Albano – Exatamente!

Eva – Eu nunca ouvi uma explicação tão ridícula. É essa a tua linha de defesa?

Albano – Espera lá, não queiras virar o bico ao prego, está bem? Tu é que cometeste um crime, não eu. E agora tens de te explicar à polícia.

Eva – Porquê? Tu vais-me denunciar à polícia?

Albano – O que é que sugeres que façamos?

Eva – Era o que queria fazer, pois é. Antes de chegares. Mas agora que sei que a Glória é tua amante... ninguém vai acreditar em homicídio involuntário!

Albano – Agora a culpa vai ser minha! E ela não é minha amante, como tu dizes. Só dormimos juntos uma vez!

Eva – Seja o que for, vai parecer vingança. Um ato premeditado. Vou apanhar prisão perpétua!

Albano – Nós explicamos-lhes...

Eva – O adultério involuntário?

Albano – Eh! Eu, pelo menos, não matei ninguém!

Um tempo.

Eva – Então o que vamos fazer?

Albano – Como assim, vamos?

Eva – Não vais me abandonar, pois não? Enganas-me com a minha melhor amiga, e agora que a matei, lavas daí as mãos?

Albano – Quando a mataste, ainda não sabias que eu tinha dormido com ela!

Eva – Não vamos brincar com as palavras, ou vamos?

Albano – Alias, é verdade. Porque é que mataste a Glória, já agora?

Eva – É uma história estúpida.

Albano – Sou todo ouvidos...

Eva – Digamos que... Ela confessou-me que não tinha gostado mesmo nada da minha última peça.

Albano – Da tua última peça? *Micro-ondas*?

Eva – Ok, talvez não tenha sido a melhor.

Albano – Foi um fracasso!

Eva – Agradeço-te a gentileza de mo lembrares...

Albano – Eu não te disse que tinhas de mudar o título...? E foi por isso que a mataste? Porque ela te disse que não gostou da peça que, de qualquer maneira, toda a gente achou uma merda?

Eva – Parece que despertou entre nós uma rivalidade latente durante anos. Sempre tivemos uma rivalidade, eu e a Glória. Com os rapazes, por exemplo. Já no liceu...

Albano – Pronto, e então?

Eva – Começámos a lutar, ela escorregou e bateu com a cabeça no canto da mesa.

Albano – A quantidade de sangue na blusa faz-me pensar que o ferimento foi feito com uma arma branca.

Eva – Começou a sair sangue por todos lados. Pelos olhos, pelo nariz, pelas orelhas. Ela teve convulsões durante um bom quarto de hora. E depois mais nada.

Albano – E não pensaste em ligar para o 112?

Eva – Sabes como é, eu estou a dizer um bom quarto de hora, mas talvez tenham sido uns minutos ou segundos, quem sabe. Eu estava em pânico... apavorada... Não me dei conta. Quando decidi ligar, já era tarde. (*Toca a campainha, Eva parece preocupada*). Achas que são eles?

Albano – Quem? O 112?

Eva – A polícia!

Albano – Se não lhes telefonaste...

Eva – Os vizinhos podem ter ouvido alguma coisa.

Albano – Ah, não, deve ser o Carlos...

Eva – O Carlos? O marido da Glória?

Albano – Conheces outro Carlos?

Eva – Mas como é que ele pode já ter descoberto?

Albano – Ele não sabe. Ele ligou-me há uma hora. Tinha-me esquecido completamente. Ele queria falar comigo sobre qualquer coisa importante. Eu disse-lhe para passar aqui.

Eva – Não abrimos.

Albano – Ele vai achar estranho. Eu disse-lhe que estava em casa.

Eva – Tens razão. Então, vai tu. Vou esconder-me na cozinha.

Albano – Não achas que devíamos contar-lhe tudo? E acabar com isto...

Eva – Dizer-lhe que o cadáver da mulher está no chão da cozinha, numa poça de sangue? Achas mesmo que é a maneira certa de lhe dizer que é viúvo?

A campainha toca de novo.

Albano – Ok... Vou tentar despachá-lo e depois logo se vê.

Eva – O mais importante é não o deixares entrar na cozinha.

Eva vai esconder-se na cozinha. Albano vai abrir, depois de colocar a blusa debaixo da almofada.

Albano – Já vai!

Albano sai e volta com o Carlos.

Carlos – Desculpa aparecer assim sem avisar. A Glória não está em vossa casa?

Albano – A Glória? Que ideia mais engraçada... Não, porquê?

Carlos – Pensei que tinha visto a mota dela lá em baixo, mas pronto. Uma mota ou outra mota. São todas iguais, não é?

Albano – Sim... Pois é.

Carlos – E a Eva?

Albano – Sim, sim, está cá, mas... está a trabalhar. Na sua nova peça. E sabes como ela é, quando escreve.

Carlos – Eu percebo. Especialmente depois do fracasso da última peça... Como é que se chamava?

Albano – *Micro-ondas.*

Carlos – Isso! Era óbvio que a coisa ia esturricar!

Albano – Imagino que não tenhas vindo cá para falar comigo sobre isso.

Carlos – Desculpa estar a incomodar. Sei que não é uma boa altura, mas é importante.

Albano – Sem problema, não incomodas nada. Se não pudermos contar com os amigos quando precisamos deles... Queres beber alguma coisa?

Carlos – Não obrigado, estou bem assim.

Albano – Ainda bem. *(Carlos olha para Albano um pouco surpreendido)* Não, quero dizer... Por favor, senta-te. *(Carlos vai para sentar-se no sofá perto da almofada debaixo da qual está a blusa)* Hum... não, senta-te aqui, isso

Albano indica a Carlos um banco ou um pufe bastante desconfortável.

Carlos *(sentando-se)* – Está bem...

Albano – Não, porque nestes sofás, sabes como é... Adormeces depressa. Estou um pouco cansado, e... quero estar focado em ouvir-te. *(Ele pega num banco semelhante e também se senta.)* Então, o que é que tinhas de tão importante para me dizer?

Carlos – Bom... Não vais acreditar... Acabei de descobrir que a Glória me anda a trair.

Albano – Não... E tu não sabias?

Carlos – Não... Porquê, tu sabias?

Albano – Não, claro que não. Queria dizer.... E sabes com quem?

Carlos – Não exatamente.

Albano – Ainda bem, ainda bem...

Carlos – Como assim, ainda bem?

Albano – Não, quer dizer, não seria pior se soubesses com quem?

Carlos – Não sei.

Albano – O que importa, afinal... O importante é que ela te traiu, certo?

Carlos – Sim, tens razão. O pior seria ela andar a trair-me com alguém que conheço.

Albano – Ah pois...

Carlos – Consegues imaginar? Descobrires que a tua mulher te anda a trair com o teu melhor amigo?

Albano – Mas o que é que estás a dizer?

Carlos – Não, não te preocupes. Nunca te faria uma coisa dessas.

Albano – Ah, Obrigado.

Carlos – Seja como for, acabou-se. Vou divorciar-me.

Albano – Acalma lá os cavalos. Não achas que é uma decisão precipitada? Talvez tenha sido um acidente...

Carlos – Um acidente? Como assim?? Tu achas que alguém entra por outra pessoa dentro assim? Inadvertidamente? Porque está com a cabeça noutro lado? E depois, basta fazer uma declaração ao seguro e ela paga?

Albano – Não, claro que não, mas...

Carlos – E quando volta para casa, à noite, a tipa diz simplesmente ao marido: olha, esqueci-me de te dizer, tive um pequeno acidente, meti-me pelo vizinho adentro! Mas a culpa foi dele!

Albano – O vizinho também?

Carlos – Não, é uma maneira de dizer! É um exemplo. Tens a certeza que estás bem? Parece que esta história te está a incomodar mais do que a mim.

Albano – Eu preocupo-me contigo. Vocês eram um casal tão... quando diziam Glória e Carlos, era...

Carlos – Era como dizer Eva e Albano.

Albano – Então imaginar que vocês vão se separar...

Carlos – Pois é, viste? Nada dura para sempre.

Albano – Realmente, Adão e Eva não acabaram muito bem.

Carlos – Seja como for, nunca mais vou dormir debaixo do mesmo teto que aquela desgraçada!

Albano – Eu entendo-te, naturalmente.

Carlos – E conto contigo para me divorciares, hã!

Albano – Achas? Não sei bem se... Conheço os dois, pode ser constrangedor.

Carlos – Estás a gozar? Tu és meu amigo. A Glória é mais amiga da Eva. Nós os dois, já nos conhecíamos muito antes de as conhecermos, certo?

Albano – É verdade...

Carlos – São todas umas porcas, pá... Não estou a dizer que o Eva também seja, claro.

Albano – Claro.

Carlos – Se bem que aquelas duas, aqui entre nós, são farinha do mesmo saco...

Albano – Vá não exageres... Garanto-te que a Eva...

Carlos – Espera lá, que quando eu lhe puser os papéis à frente, ela nem vai saber o que a atingiu. És ou não és uma assassino?

Albano – Perdão?

Carlos – Como advogado! Tu és um assassino, não? Pelo menos é essa a tua reputação.

Albano – Ah é?

Carlos – Foi o António que me disse. Tu sabes, trataste do divórcio dele.

Albano – Ah sim?

Carlos – Sim! Ele era dentista. Tinha um grande consultório nas Avenidas Novas. Aparentemente, as pacientes não abriam a boca só para arranjar os dentes. Enfim! ouvi dizer que deixaste a mulher com uma mão à frente e outra atrás.

Albano – Que exagero. Não é exatamente o papel de um advogado, sabes. Um divórcio é, em primeiro lugar, o fracasso de um projecto de vida em comum. Nós estamos lá para tornar a separação menos dolorosa.

Carlos – Oh, não sejas tão modesto. Eu sei que és um assassino! E deixa que te diga, a Glória, há-de ficar sem uma gota de sangue.

Eva volta, com um avental manchado de sangue.

Eva – Olá.

Carlos – Pensava que estavas a escrever a tua nova peça de sucesso.

Eva – Estava a cozinhar ao mesmo tempo...

Carlos – Ah, sim...

Eva – Sabes, escrever tem muito a ver com cozinhar. Bons ingredientes desde o início. Uma boa receita. Um pouco de sal. Um pouco de pimenta. Depois disso, é só deixar levantar fervura.

Carlos – Muito bem. Eu não sabia que também eras *chef*... e qual é a tua especialidade?

Eva – O patê de javali.

Albano – A sua famosa receita secreta. Quando ela a faz, ninguém pode entrar na cozinha.

Eva – E tu, como estás?

Albano – A Glória deixou-nos... quero dizer, ao Carlos... O Carlos decidiu deixar a Glória.

Eva – Não...

Carlos – Acabei de descobrir que a filha da mãe me andava a trair. Sabias de alguma coisa, tu?

Eva – Eu? Absolutamente de nada! Porque é que eu saberia de alguma coisa?

Carlos – Solidariedade feminina, eu sei o que é. Quando se trata de fornecer um álibi a um amigo... ou mesmo um quarto de hóspedes.

Eva – Garanto-te que estás no caminho errado, Carlos. Bem! Somos amigos... Como é que podes pensar que...

Carlos – Desculpa, são os nervos. Estou a começar a dizer disparates.

Albano – Vais ficar aqui um bocadinho, até te acalmares um pouco. Depois, vais para casa dormir e falamos sobre isto amanhã. Com a cabeça fresca. Está bem?

Carlos – Na minha casa? Já te disse, está fora de questão. Aliás, aproveito que estão aqui os dois para vos pedir um favor...

Eva – Sim...?

Carlos – Importam-se que durma aqui esta noite?

Albano – Bem...

Carlos – Amanhã, arranjo uma solução... ou vou viver com a minha mãe. Mas esta noite... (*Começa a soluçar*) Preciso de um pouco de companhia. E vocês são os meus únicos amigos.

Albano aproxima-se dele para consolá-lo.

Albano – Sim, claro.

Carlos – Eu já sabia que eu podia contar com vocês. E não me imagino contar isto à minha mãe. Ela odiava a Glória. Ela sempre disse que ela era uma oferecida. Infelizmente, ela tinha razão. Mas eu não queria ouvir os sermões dela agora. Mas convosco...

Albano – Pois claro, nós estamos aqui para ti. Não é, Eva?

Carlos – Vocês são verdadeiros amigos. Significa muito para mim.

Carlos cai nos braços de Albano.

Albano – Não te preocupes, vai ficar tudo bem... Espero...

Eva – Vou deixar-vos sozinhos, vou acabar o meu patê...

Albano vê-a sair, horrorizada.

Carlos – Se o tivesse aqui, à minha frente, não sei do que seria capaz, juro por Deus... Até tenho vontade de a transformar a ela em patê, essa porca....

Albano – Vá, não digas isso...

Carlos (*limpando as lágrimas*) – Lamento muito arrastar-te para o meio disto.

Albano – Estás melhor?

Carlos – Um pouco... Mas agora já bebia qualquer coisa.

Albano – Eeh... Sim... O que é que queres?

Carlos – Um copo de água da torneira, tanto faz. Mas não te preocupes, eu vou à cozinha servir-me.

Albano – Não!

Carlos (*admirado*) – Ah pois, é verdade... Esqueci-me... o patê de javali.

Albano – O que precisas é duma bebida forte.

Carlos – Eu não sei se...

Albano – Eu acompanho-te. Também preciso de uma bebida.

Carlos – Ai é?

Albano tira uma garrafa e dois copos de um armário. Enche os copos e levanta o seu para brindar.

Albano – Pronto, não vamos deixar que isto nos deite abaixo, ok? (*Preocupado*)
Vamos ultrapassar isto...

Ele desata a chorar, e desta vez é Carlos que se aproxima para consolá-lo.

Carlos – Eu sabia que eras meu amigo, mas francamente, não pensei que isto te afetasse tanto.

Albano levanta-se.

Albano – Vá, vamos brindar... Não traz a Glória de volta, mas vai nos ajudar a relaxar.

Ele bebe o shot. Carlos imita-o.

Carlos – Beem... Isto tem força para acordar um morto...

Albano – Quem me dera...

Carlos – Isto é o quê?

Albano – Aguardente de batata.

Carlos – Ah, pois... É... Dá para... Na verdade, isto não tem muito sabor, pois não?

Albano – Não.

Carlos – De qualquer forma, limpa bem as vias respiratórias...

Albano (*distráida*) – Sim...

Silêncio.

Carlos – Como pude ser tão estúpido?

Albano – Perdão?

Carlos – Com a Glória! Nem me apercebi do que aí vinha.

Albano – Talvez ela volte... É só um pesadelo, vais ver, e vamos todos acordar.

Carlos – Infelizmente, acho que não. Estavas a perguntar-me há bocado se eu sabia quem era...

Albano – Quem?

Carlos – Aquele com quem a Glória me traiu!

Albano – E então?

Carlos – Se houvesse só um...

Albano – Como assim??

Carlos – Descobri, por acaso, ao adivinhar a *password* do seu suposto computador de trabalho, que a Glória tinha uma conta num *site* de encontros.

Albano – Um *site* de...

Carlos – Encontrossemfuturo.com... Não é com um homem só que ela me engana, é com centenas!

Albano – Não...

Carlos – É uma tarada sexual, digo-te. Velhos, jovens, gordos, magros, loiros, morenos, altos, baixos... Para isso, ela não se faz difícil. Tudo o que vem à rede é peixe.

Albano – Ai é...?

Carlos – Eu estou a descobrir aquela mulher, acreditas? E se visses as coisas dela...

Albano – Ah porque além disso, ela ainda tira fotos às...

Carlos – Não, quer dizer... as coisas que elas escrevem, nas mensagens.

Albano – Ah, pois, mas há limites, com certeza.

Carlos – Pois, os limites, posso dizer-te que a Glória não os tem bem marcados.

Albano – Então?

Carlos – Se leses as conversas, juro-te.. Estou a descobrir a mulher, sabes? Porque comigo, é muito mais enfadonho...

Albano – Sim, comigo também. Quero dizer, comigo e com a Eva.

Carlos – Olha, cuidado. Pensamos que as conhecemos, e um dia...

Ouve-se o som de uma faca elétrica, de um corta-sebes ou de uma serra elétrica.

Albano – Ela está a aparar as sebes.

Carlos – A fazer o patê de javali?

O ruído duplica.

Albano – Talvez eu deva ir ver o que ela está a fazer. Queres ir andando para o quarto de hóspedes?

Carlos – Está bem. Não te incomodes. Eu conheço o caminho. E mais uma vez, obrigado por tudo.

Carlos sai. Eva volta.

Eva – Onde é que ele foi?

Albano – Estrangulei-o e atirei-o para a banheira enquanto esperava. Mais vale apagar todas as testemunhas inconvenientes.

Eva – Não fizeste isso...

Albano – Claro que não. E tu? Podes me explicar o que está a acontecer? O que é esse barulho todo?

Eva – Não podia deixá-lo no meio da cozinha.

Albano – Então o que é que fizeste?

Eva – Pu-la no congelador. Até decidirmos o que fazer com o corpo.

Albano – E entretanto, cortaste as sebes? Na cozinha?

Eva – Não mas, como não cabia toda inteira...

Albano – Ai meu Deus... Não pode ser... Como é que isto aconteceu, Eva? Acabou-se, vou chamar a polícia.

Ele pega no telamóvel.

Eva – Queres mandar-me para prisão?

Albano – É o lugar dos criminosos, não é?

Eva – Mas eu já te disse, foi um acidente.

Ela reconsidera.

Albano – Tens a certeza absoluta que ela está morta?

Eva – Queres dizer: tenho a certeza que ela estava mesmo morta, antes de eu a cortar em três bocados com um corta-sebes?

Albano – Nunca pensei ouvir isso da boca da mulher com quem casei.

Eva – Lembra-te dos votos. Para o melhor e para o pior... Devias ter pensado nisso antes.

Albano – Antes do quê?

Eva – Antes de me traíres com a Glória...

Albano – Tu enlouqueceste, Eva. Precisas de ajuda. Tu própria disseste que é homicídio involuntário. Alegamos insanidade temporária.

Albano marca um número.

Eva – Não faças isso.

Albano – É a única maneira.

Eva – Serás considerado cúmplice.

Albano – E porquê?

Eva – O marido dela está aqui. Tu não lhe disseste nada.

Albano – Mas porque é que te ajudaria a matá-la?

Eva – Porque ela também te enganava. Querias vingança.

Albano – Como assim, ela enganava-me?

Eva – Ouvi-vos há pouco. Eu sei da conta dela no *site* de encontros.

Albano – Então, tu sabias?

Eva – Sabes, quando se trata de adultério, as mulheres falam muito. Às vezes, até é de pensar que elas enganam os maridos só para falarem disso com as amigas.

Albano – E tu não me disseste nada?

Eva – De que é que te servia saber? Além de te colocar numa posição embaraçosa com o Carlos...

Albano – Estou a perceber, era para me proteger. De qualquer forma, eu não tinha motivos para matar a Glória.

Eva – Achas?

Albano – Porque é que haveria de fazer isso?

Eva – Ciúmes, também. Como o Carlos...

Albano – Mas tu és louca...

Eva – Pensavas que eras a única. Não conseguiste suportar descobrir que eras apenas uma das muitas conquistas dela. E quando te disse que queria matá-lo, ajudaste-me. Para apagar qualquer rasto da tua culpa...

Albano – Tu és completamente louca, Eva!

Eva – Somos os dois! Somos duas faces da mesma moeda. Vejo daqui os títulos dos jornais : “Casal diabólico despedaça o cadáver da mulher da sua melhor amiga e conserva-o no congelador. Antes de jantar tranquilamente no quarto ao lado com o viúvo”...

Albano – Contarias uma história como esta à polícia! Só para me arrastares contigo na tua queda. É monstruoso!

Eva – Mas não seria eu a contar isso! É o que o juiz vai pensar. Mesmo que eu alegue que sou a única culpada, ele vai ficar convencido de que te estou a tentar proteger.

Ele parece estar confusa.

Albano – Achas?

Eva – Seja como for, será o fim da tua carreira como advogado. Como se pode confiar o divórcio a alguém que desfaz os amantes com uma serra elétrica?

Albano – Infelizmente, tens razão...

Eva – Para além disso, imaginas-te a dizer ao juiz que me enganaste sem querer?

Albano – Mas é a verdade, juro!

Eva – Um adultério involuntário? Conta-me lá isso, para ver se me convences...

Albano – Foi no fim de semana em que foste para Faro para a estreia do *Micro-ondas*. Eu tive que ir a Coimbra para um julgamento que acabou por ser adiado.

Eva – Diz antes que não querias ver aquele desastre...

Albano – Pronto, não estávamos cá nem um, nem o outro. E a casa era para estar vazia.

Eva – A Glória pediu-me para lhe deixar as chaves, para estar com uma das suas conquistas. Então eras tu?

Albano – Não, claro que não! Cheguei a casa a meio da noite, sem avisar. Não sabia que lhe tinhas emprestado a casa. E ainda por cima, a nossa cama, para dormir com um dos seus amantes.

Eva – É a única cama de casal da casa... E então?

Albano – Então deitei-me logo quando cheguei a casa.

Eva – Com a Glória...

Albano – Eu bem vi que estava alguém na cama, mas pensei que eras tu! Pensei que afinal, tivesses decidido voltar para casa logo após a tua estreia. Como sabia que ia ser um fracasso, não fiquei surpreendido...

Eva – Obrigado...

Albano – Não fiz barulho para não te acordar.

Eva – Mas o tua parceira acordou.

Albano – O raio da Glória deve ter saído a meio da noite, provavelmente. E, pelos vistos, ela não ficou satisfeita.

Eva – Então foste o substituto, por assim dizer. Entraste em campo no intervalo, não é?

Albano – Ela deve me ter confundido com ele. Foi só na manhã seguinte que percebi que não eras tu na cama. Embora tenha ficado um pouco surpreendido.

Eva – Porquê, foi melhor do que o habitual?

Albano – Eu não disse isso... Digamos que não era a mesma coisa. E eu não entendia porque é que tu querias tanto chamar-me Alex 69.

Eva – Saiu-te a sorte grande, não foi?

Albano – Digamos que... já não estava habituado a estas fantasias.

Eva – Estás a gozar comigo, ainda por cima...

Carlos volta.

Carlos – Desculpa... Podes me emprestar uma escova de dentes? Saí com tanta pressa que nem pensei nisso...

Eva – Olha, esta noite, não te enganes na cama. Nunca se sabe..

Carlos – Eeh sim...

Eva – Vou vos deixar... Devem ter muito para conversar... experiências a partilhar.

Ela sai.

Carlos – O que é que ela quis dizer?

Albano – Não sei... Quer dizer, sei...

Carlos – O quê?

Albano – Ela acusou-me de a trair.

Carlos – E... é verdade ou não?

Albano – Foi um adultério... involuntário

Carlos – Adultério involuntário? Isso é uma piada?

Albano – Não.

Carlos – Ah...

Albano – Um dia, cheguei a casa. Estava uma mulher na minha cama. Foi só na manhã seguinte que percebi que não era a minha mulher.

Carlos – Estás a gozar comigo?

Albano – De maneira nenhuma.

Carlos – Ninguém vai acreditar nisso, Albano. E de certeza que a tua mulher também não.

Albano – Tens razão... Isto é completamente irrealista.

Carlos – Mas é uma pena. Imaginas? O prazer sem a culpa.

Albano – E sem castigo.

Carlos – E valeu a pena?

Albano – Eu tenho de admitir...valeu, completamente, a pena

Carlos – Enganar sem saber, não é realmente enganar. (*Ambos desatam num riso nervoso, mas Carlos, subitamente, retoma a sua seriedade*). Sim... Mas se a Glória se atrevesse a contar-me uma história tão estúpida, é porque pensava que eu era um idiota.

Albano – Ah pois... Mas... Não achas que um casal tem de perdoar?

Carlos – Perdoar? Eu podia matá-lo.

Albano – É uma maneira de falar, imagino eu.

Carlos – Alguma vez pensaste em matar alguém?

Albano – Olha...

Carlos – Se a Eva te traísse, por exemplo, eras capaz de a matar?

Albano – Porquê? Sabes alguma coisa que eu não saiba?

Carlos – Não, não, não.

Albano – E... E tu, nunca traíste a Glória?

Carlos – Não... Enfim... depende do que se chama trair.

Albano – Ah é?

Carlos – Quero dizer, tecnicamente... eu

Albano – Estou a ver... será que preliminares é trair? Esse tipo de coisa...

Eva volta.

Eva – Bom... Agora podemos ir para a mesa.

Albano – Ir para a missa? Estás decidida a fazer uma confissão completa?

Eva – Eu estava a falar do jantar.

Carlos – Ah pois, é verdade... O patê de javali...

Albano – Vou refrescar-me um pouco.

Albano sai. Silencio embaraçoso.

Carlos – Não lhe contaste?

Eva – O quê?

Carlos – Do nosso deslizezinho, no ano passado, no dia de Ano Novo.

Eva – Claro que não! Porquê?

Carlos – Não sei... Acho-o estranho.

Eva – Não é isso, garanto-te.

Carlos – Não, mas nunca falámos sobre isso... Eu estava um pouco bêbado. Tu também. Mas não significou nada, certo? Foi só... um pequeno acidente.

Eva – Oh, não... Não vais começar tu também com os acidentes...

Carlos – Desculpa ter falado nisso, não devia ter...

Eva – Já está esquecido...

Albano volta e parece perturbado.

Albano – Vamos comer o javali, ou não?

A campainha toca.

Eva – Quem é que pode ser?

Albano – A polícia ?

Carlos, intrigado com o seu comportamento estranho, lança-lhes um olhar inquieto.

Eva – Eu vou... Se eu não voltar daqui a cinco minutos, liga para o meu advogado

Albano lança um olhar a Carlos para o tranquilizar.

Albano – É um jogo entre nós.

Carlos – Está bem.

Albano – Gostas de javali?

Carlos – Sim, bom...

Eva volta com um pacote.

Eva – Era o sushi.

Albano – Ah pois, é verdade, esqueci-me completamente.

Carlos – Porque é que também pediram sushi?

Momento de embaraço.

Escuro.

Ato 2

Carlos – Parabéns pelo teu patê, Eva. Estava delicioso.

Eva – Obrigado... Desculpa o chumbo que quase te partiu o dente. Temos de ter cuidado, porque há sempre um ou outro que escapa.

Carlos – Não é fácil eliminar todos os vestígios de um crime, não é? Mas não sabia que eras caçadora.

Albano – Eu também não, curioso não é?

Eva – Hoje em dia, é algo de que não nos devemos gabar.

Carlos – Mas foste tu que o mataste, não foste? Ao javali?

Eva – Oh, sabes, estou apenas a começar... Não tenho uma grande espingarda.

Carlos – Sim, confirmo...

Eva – Quer dizer, uso pequeno calibre. Nada de mal com a arma...

Carlos – Mas repara, um javali é bastante grande. Normalmente usa-se uma arma de grande calibre, certo?

Eva – Na verdade, foi mais... um acidente.

Carlos – Um acidente? Como assim?

Eva – Voltava para casa de uma caçada, de mãos vazias. Com a Glória, exatamente. E na estrada, este javali atravessou-se mesmo à minha frente

Carlos – Um javali deprimido, talvez. Queria acabar com a sua vida de porco.

Eva – Sim, talvez...

Carlos – Bem... a ti não te falta o ar...

Eva – Perdão?

Carlos – Não, quer dizer, fazes muitas actividades ao ar livre... caça, golfe...

Albano – Tu também jogas golfe?

Eva – Sim, voltei a jogar... Um bocadinho.

Carlos – E... andas mesmo a jogar golfe com a Glória, ou é só para lhe dares um álibi para ela andar a jogar com os amantes?

Eva – Não, não, jogamos golfe a sério, garanto-te. E ela é uma ótima jogadora.

Carlos – Pois... Pelo o que ela me disse, há uns belos 18 buracos ali para os lados de Sintra. Parece que tem hotel e tudo.

Albano – Tens de me levar um dia, não é Eva? Acho que também me ia dar bem com o golfe.

Carlos – De qualquer das maneiras, vais dar-me a receita do teu patê de javali. Ah não, é verdade, desculpa... Isso também é um segredo...

Silencio embaraçoso.

Albano – Mais salada?

Carlos – Não, obrigado. Não consigo comer mais nada...

Eva – Se quiseres ir descansar, estás à vontade.

Carlos – Com o que me está a acontecer, não sei se consigo dormir. Mas é bom saber que, em casos como este, posso contar com os meus amigos.

Albano – Tu, aqui, estás em casa, Carlos...

Eva – Sobremesa?

Albano – Temos gelado no congelador.

Carlos – Não obrigado. Vou lavar as mãos, se não te importas. *Ele levanta-se.*

Eva – Na casa de banho, porque a cozinha está um pouco desarrumada.

Ele sai. Eva come mais patê.

Albano – Parece que estás a lidar bem com isto tudo. Nem te tira o apetite...

Eva – Ajudaria se eu morresse de fome?

Albano – Porque é que lhe disseste que eras caçadora?

Eva – Não sei... Saiu-me. Tive de inventar qualquer coisa, para evitar que fosse meter o nariz na cozinha.

Albano – E esse patê? O que é exatamente? Ou é melhor não perguntar?

Eva – Não, não... isso é verdade... é patê de javali.

Albano – Também temos de falar sobre o golfe, porque não me parece muito claro.

Eva – Mas eu não tenho nada a esconder.

Albano – Além de um cadáver... Vou repetir a minha última pergunta, isto não é uma piada? Porque seria de muito mau gosto. Lembro-te que a viúva está no quarto ao lado.

Eva – Vai ver o congelador, se quiseres. Mas ficas a saber que não é nada bonito de se ver.

Albano – Não quero ver nada. E não quero saber nada.

Eva – Vai ser difícil dizer que não sabias. Não estamos a falar de bebés congelados... escondidos entre duas pilhas de bifes. Isto é um tipo de um metro e noventa e cinco, dividido em três secções de sessenta e cinco centímetros.

Albano – Mas tu és um monstro... retalhar um cadáver, sabes com quanto tempo levavas? Queres que eu passe os melhores anos da minha vida na prisão?

Eva – Estamos no mesmo barco, Albano... Tens de me ajudar!

Carlos volta.

Carlos – Vou ligar-lhe.

Albano – Não sei se é boa ideia.

Carlos – Ela tem de saber que vou deixá-lo!

Albano – Não queres pensar mais um pouco?

Carlos – Não, de certeza absoluta. Nunca o perdorei pelo que ela me fez.

Eva – Mas se calhar podes esperar até amanhã, não é?

Carlos – Se ela não me vir a chegar esta noite, vai perguntar-se para onde fui. Vai chamar a policia.

Albano – Ah pois, nesse caso... Talvez seja melhor avisá-lo!

Eva – No estado em que está, duvido que chame a policia, mas...

Carlos – No estado em que está?

Eva – Quer dizer... Ela pode já saber alguma coisa, e não deve sentir-se muito à vontade com isto.

Albano – Não preferes ir, simplesmente, para casa? Amanhã é outro dia.

Carlos – Nunca mais vou conseguir dormir sob o mesmo teto que aquela filha da mãe.

Albano – Achas que estás em condições de falar com ela?

Carlos – Não, mas descansa que não vou começar a falar com ela sobre a venda da casa e a custódia do cão. Eu digo-lhe para contactar o meu advogado, ou seja, tu.

Eva – Então, tu é que vais tratar do divórcio?

Albano – Não sei... Sim. O Carlos pediu-me.

Eva – Bem... Se queres telefonar-lhe agora... queres ficar sozinho?

Albano – Se quiseres estar tranquilo, podes ir para...

Eva – Para a cozinha, não...

Carlos – Vocês não me incomodam, pelo contrário.

Ele marca o número. Ouve-se tocar no quarto ao lado.

Carlos – É estranho. Parece que está a tocar aqui ao lado...

Eva – Deve ser o meu.

Carlos – E não atendes?

Eva – Sim, sim... Vou agora...

Ela sai, sob o olhar intrigado de Albano.

Carlos – Continua a tocar e ela não atende.

Albano – Sim... Não me surpreende.

Carlos – Porque dizes isso?

Albano – Se ela viu o teu número, e sabe porque é que lhe estás a ligar, talvez... não queira atender.

Carlos – É ela... Glória? Eu sei de tudo. Tudo o quê? Claro, faz-te de inocente. Sim, o teu golfe dos 18 buracos. Como é que é o teu nome mesmo, no encontrosemfuturo.com? Ah pois é, Glória 327. Parece que já há muitas ordinárias como tu neste site, que também têm este nome. Grande ordinária! Ora, é só isso que tens a dizer? Coitadinha! Acabou-se, Glória 327. Da próxima vez que tiveres algo para me dizer, fala com o meu advogado. Ah conhece-lo muito bem, é o Albano. Sim, o Albano! O marido da Eva, a tua melhor amiga. Então, perdeste o pio? Boa noite, sua javali! (*Ele guarda o telemóvel.*) É tão bom desabafar.

Albano está siderado.

Albano – Quem era?

Carlos – Como assim, quem era? Ela, quem querias que fosse?

Albano – A Glória? E o que é que ela disse?

Carlos – Não muito. O que tu queres que ela diga? Mas ela tinha uma voz estranha. Acho que vou tomar uma aspirina. Estou a ficar com uma enxaqueca. Posso ir buscar água à casa de banho?

Albano – Vai lá.

Carlos – Grande filha da mãe...

Carlos sai. Eva volta.

Eva – Tudo bem? O que é que se passa?

Albano – Enrolaste-me bem.

Eva – O quê?

Albano – O Carlos. Ele acabou de falar com a Glória ao telefone.

Eva – Fui eu.

Albano – Como assim??

Eva – O telemóvel da Glória! Estava no bolso dela, por isso obviamente, ainda está. Fui eu que atendi, para não levantar suspeitas.

Albano – Não... Foi por isso que ele me disse que ela tinha uma voz estranha.

Eva – Fiz um truque que aprendi na televisão. Falei com um lenço à frente da boca.

Albano – Tu és completamente maluca.

Eva – Assim, temos um álibi. Não posso tê-la matado há uma hora atrás, se ele falou com ela ao telefone.

Albano – A não ser que a polícia tenha a ideia de localizar a chamada. E descubram que era da nossa cozinha.

Eva – Achas mesmo que eles podiam ser tão zelosos?

Albano – Estamos a falar de um crime.

Silêncio. Eva finge começar a chorar.

Eva – Se soubesses como me arrependo. Se pudesse voltar uma hora atrás... Infelizmente, não é possível...

Albano – Mataste-a mesmo porque ela não gostou da tua peça?

Eva – Não... Não só...

Albano – Então, porquê?

Um tempo.

Eva – Ela disse-me que dormiu contigo.

Albano – Ok... E porque é que não me disseste logo?

Eva – Queria ver se me contavas primeiro.

Albano – Então, também não acreditaste nela quando disse que era um simples mal entendido.

Eva – A Glória não me disse que, para ela, tinha sido um mal-entendido. O problema é esse.

Albano – Desgraçada... Vou matá-la.

Eva – Eu já fiz isso! Só te peço que me ajudes a livrar-me do corpo. Se me amas... Tu amas-me?

Albano – Claro que te amo. Como é que podes ter dúvidas?

Eva – Eu acredito em ti.

Albano – E eu? Acreditas em mim quando eu digo que dormi com ela por engano?

Eva – Esforço-me... Admito que não é fácil.

Albano – O que é que posso fazer para te provar o quanto te amo?

Eva – Tu já fizeste muito. Mas tens razão, eu não tenho hipótese de me safar. E não te quero arrastar comigo para a prisão como cúmplice. Vou chamar a polícia.

Albano – Não, espera!

Eva – O quê?

Albano – Não quero que vás para a prisão durante anos.

Eva – Mas então o que fazemos?

Albano – Vou ajudar-te a fazer desaparecer a Glória...

Eva – Como?

Albano – Garanto-te que como advogado, muitos clientes confiaram-me os seus pequenos segredos. E aprendi alguns métodos simples, o suficiente para mandar o corpo de um tipo de quase dois metros, pelo ralo da banheira, depois de uma boa noite num banho de ácido.

Eva – Bom...

Albano – Mas primeiro, temos de nos livrar dele.

Eva – Livrar dele?

Albano – Quer dizer, tirá-lo do caminho...

Eva – Ah... Assustaste-me...

Carlos volta.

Carlos – Estás com cara de funeral... Há algum problema?

Albano – Não, não, tudo bem.

Carlos – Tentei deitar-me um pouco, mas não consigo dormir.

Eva – Que tal bebermos qualquer coisa e relaxarmos um pouco?

Carlos – Não sei, com os comprimidos que tomei... é melhor não misturar, não é?

Albano – Vá lá, um pequeno digestivo nunca fez mal a ninguém.

Carlos – É verdade que o javali me pesou no estômago. Tudo bem, mas... é um pouco pesado, não é?

Albano serve três copos e coloca discretamente um comprimido num deles.

Eva – Ah, trouxeste o álcool etílico...

Carlos – Aguardente de batata...

Albano – É uma especialidade de Amiais de baixo.

Carlos – Amiais de baixo?

Eva – O Albano tem um tio que mora lá. Um padre. Destila-o à noite com um alambique clandestino na sacristia da igreja.

Carlos, distraído, não presta muita atenção à conversa.

Carlos – Não sei onde é que ela se encontrava com os amantes.

Eva – Sabes que há hotéis em todo o lado.

Carlos – Ela era tão forreta, que duvido muito. Além disso, estou convencido de que ela se inscreveu naquela site só para não ter de pagar o serviço. Porque, podes crer, a julgar pelas fotos das suas conquistas, não se preocupava muito com a mercadoria...

Albano – Obrigado...

Carlos olha para ele com um olhar intrigado.

Eva – Mas porque é que estás a falar dela no passado?

Carlos – Desculpa?

Albano – Disseste que ela era forreta.

Carlos – Porque para mim, ela está morta!

Albano – Vá, não digas isso...

Carlos – Ou talvez seja uma amiga que lhe empresta o seu apartamento... neste tipo de situação, as mulheres são muito solidárias, ou se são! Não estou a falar de ti, Eva, claro

Eva serve-lhe outra bebida.

Eva – Vá, isso só te faz mal. Bebe um golinho.

Carlos – Não sei o que está a acontecer... Há bocado, não conseguia dormir ou sequer fechar os olhos, mas agora nem consigo mantê-los abertos. Acho que vou dormir...

Carlos cai no chão.

Eva – Os comprimidos fizeram efeito, finalmente.

Albano – Foram sobretudo os comprimidos para dormir que lhe pus na bebida.

Eva – Não fizeste isso...

Albano – Agora podemos livrar-nos do corpo.

Eva – Dele?

Albano – O da Glória! Ajuda-me, vamos pô-lo no quarto de hóspedes. Ele acorda amanhã de manhã e será oficialmente viúvo.

Eva – Até lhe poupamos as complicações de um divórcio.

Albano – Afinal, é um favor que lhe fazemos.

Puxam-no pelos pés para fora de cena e regressam imediatamente.

Eva – E com a Glória, o que é que vamos fazer?

Albano – Ácido, pode ser um pouco demorado.

Eva – Especialmente se o Carlos quiser tomar banho amanhã de manhã.

Albano – Tens razão.

Eva – Vamos dividir a Glória em três sacos do lixo. E vamos levá-la a passear em Monsanto.

Albano – Ou ao jardim zoológico... Já vi isso num filme... Atiramo-la para a jaula dos leões, e está feito.

Eva – Imaginas-te a passar pela segurança do jardim zoológico com três sacos do lixo?

Albano – Achas que podemos saltar a vedação?

Eva – Ok, vamos para Monsanto. Tenho uma pá no quintal.

Albano – E para... a Glória, queres que te ajude?

Eva – Já fiz a maior parte, eu trato disso. Ias sujar-te.

Albano – Como tu quiseres.

Ela sai.

Albano – Espero não estar a cometer um erro, mas... é tarde demais agora para voltar atrás. Bom, só mais um para o caminho.

Ele serve-se de mais uma bebida e bebe de uma vez. O telemóvel dele toca.

Albano – Alô... (*Surpresa*) Glória? Se é uma piada, não é nada engraçada. És tu Eva? Desculpa, Glória, és mesmo tu? Não, não, não estou surpreso mas... Quer dizer, sim, um pouco... Ah, esqueceste-te do telemóvel aqui. Sim, ele falou-me da vossa... discussão... Mas porque é que lhe contaste isso? Pronto, agora, já está. Tinha que sair um dia. Ok, eu digo-lhe... Certo... Obrigado por ligares. Olha a propósito, falaste com o Carlos? Sim, acho que ele desconfia de alguma coisa. Sim, pode dizer-se que sim... Ok, xau Glória... (*Ela desliga*) Aquela sacana, fez de mim parvo.

Eva volta com sacos de lixo.

Albano (*como se nada fosse*) – Então, já está?

Eva – Sim. Demorou um pouco, com o gelo, os pedaços começaram a colar-se no fundo do congelador. Tive de usar um picador de gelo!

Albano – Coitada da Glória... É estranho vê-la assim, de partida para a grande reciclagem.

Eva – Seja como for, não sei como te agradecer. É uma prova de amor incrível.

Albano – Então perdoas-me por este adultério involuntário?

Eva – Claro... Mostraste-me o quanto me amavas.

Albano – E eu, perdoo-te por teres posto a tua melhor amiga na minha cama, sem me dizeres, ok?

Eva – Tenho que ir buscar mais dois sacos.

Albano – Eu vou te ajudar.

Eva – Tens a certeza?

Albano – Como tu estás sempre a dizer... para o melhor e para o pior...

Eles saem. Carlos chega, num estado comatoso.

Carlos – Estão aí? O que é que eu fiz ao meu telefone?

Ele olha para os sacos do lixo com curiosidade. Enquanto procura o telemóvel, encontra a blusa ensanguentada, com a gola bordada, debaixo da almofada do sofá. Intrigado, começa, lentamente, a recuperar. Abre um saco e fecha-o imediatamente, horrorizado. Os outros dois vêm com os outros dois sacos.

Eva – Carlos, mas o que é que estás aqui a fazer?

Albano – Não estavas a dormir?

Carlos – Não... Quer dizer, sim... Só me esqueci do meu telemóvel

Eva – Estávamos a sair para levar o lixo.

Carlos – Vou voltar para a cama. Não se preocupem comigo.

Ele sai, assustado.

Eva – Achas que ele suspeita de alguma coisa?

Albano – Talvez devêssemos eliminá-lo também, não?

Eva – Não sabia que estavas disposto a matar por mim. Quase que me assustas...

Albano (*exaltado*) – Conhecês a canção do José Cid? Um grande, grande amor! (*Cantando*) Este amor não tem fronteiras, barreiras, muro em Berlim, é um mar, é um rio, é uma fonte que nasce dentro de mim...

Eva (*preocupado*) – Ouve lá, tenho de te dizer uma coisa...

Albano – Não me digas que mataste mais alguém...

Eva – Não, precisamente... Quer dizer, sim, mas...

Albano – Pobre Glória... Apesar de tudo, era uma amiga. Gostava de lhe dizer um último adeus. Em que saco puseste a cabeça?

Eva – Se fosse a ti, não fazia isso.

Albano – Acho que precisamos de conversar, não é?

Eva – Ok, não é a Glória, nos sacos do lixo.

Albano – Como assim, não é a Glória? Mas mataste outra pessoa?

Eva – Não... quer dizer, não matei ninguém. Como é que pudeste pensar isso?

Albano – Estou a começar a não ter certeza de nada. *(Ele abre o saco e o seu rosto muda.)* Mas que horror! Então, mataste mesmo alguém?

Eva – Não... Enfim, sim... mas não...

Albano – O que é isso?

Eva – O javali...

Albano – O javali... Eva, que eu saiba, não és caçadora. Ou é mais uma coisa que me escondeste?

Eva – Eu não sou caçadora, juro. Mas a história do javali era verdade.

Albano – A sério? Gostava de ouvir isso...

Eva – Estava com a Glória. Estávamos a jogar golfe.

Albano – Ah, golfe... Não me digas que durante o jogo, entre o décimo sétimo e o décimo oitavo buraco, mataste um javali com uma bola de golfe?

Eva – Estávamos a voltar para casa, de carro. Fomos contra um javali na floresta. Quase nos matámos. Porque um javali de 200 quilos, a 90 quilómetros por hora, posso dizer-te que faz estragos, mesmo a conduzir um grande todo o terreno.

Albano – Sim, imagino...

Eva – Saímos da estrada. A Glória até estava um pouco tonta.

Albano – E?

Eva – Decidi levá-lo a um veterinário.

Albano – A Glória?

Eva – Ao javali! Pusemo-lo na bagageira. Só que, quando chegámos ao veterinário, tinha sucumbido aos seus ferimentos.

Albano – Quem?

Eva – O javali!

Albano – Ah ok...

Eva – Como estava na bagageira, não sabíamos o que fazer. Foi nesse momento que a Glória resolveu transformá-lo em patê.

Albano – Ideia brilhante... Mas então porquê toda esta confusão?

Eva – Enquanto a Glória estava a cortar o animal, disse-me que tinha dormido contigo.

Albano – Esfolar aquela carcaça de javali deve tê-la inspirado... E o que é que ela te disse, então? Porque ela sabia bem que estava na cama do amigo...

Eva – Sim, e por isso sentia-se culpada. Queria aliviar a consciência.

Albano – A consciência? A Glória?

Eva – Tens razão. Acho que ela queria sobretudo humilhar-me... escondendo-se atrás do facto de que foi um adultério involuntário... como tu dizes.

Albano – E então?

Eva – Então ela acabou por me dizer que sabia exactamente o que estava a fazer. E tu também, provavelmente.

Albano – Desgraçado... Juro que...

Eva – Enfim... tivemos uma luta.

Albano – Daí o sangue na blusa.

Eva – Não, isso é o sangue do javali, quando o pusemos na bagageira.

Albano – Ah, ok...

Eva – Depois, fizemos as pazes. Emprestei-lhe outra blusa e ela foi-se embora.

Albano – E depois?

Eva – Quando chegaste, eu fiquei com raiva de ti. Por não me contares. Senti-me traída. Enganada.

Albano – Desculpa. Mas juro que eu, não sabia...

Eva – Foi quando tive esta ideia. Veio-me assim... Esfolar aquele pobre animal deixou-me em transe. Tinha encontrado a receita num daquelas canais de cozinha.

Albano – Canais de cozinha?

Eva – Para te castigar, disse-te que a tinha matado. Para ver a tua reacção. E depois, uma coisa levou a outra, e...

Ouve-se uma sirene de policia. Albano vê a blusa a sair de um saco.

Albano – Deve ser o Carlos. Ele viu os sacos e a blusa. Deve ter chamado a polícia.

A porta bate violentamente. Carlos chega, com uma faca na mão.

Carlos – Afastem-se de mim, seus doentes...

Albano – Acalma-te, vamos explicar-te tudo. É sou uma brincadeira estúpida.

Eva – Não é a Glória, nos sacos do lixo.

Carlos – Não te mexas ou disparo!

Eva – É uma faca...

Albano – Eu abro um, e tu podes ver por ti.

Ela mostra-lhe o conteúdo de um saco.

Carlos – Mas o que é esse horror?

Eva – É um javali. Olha! Está cheio de pêlos.

Carlos – A Glória também tinha muitos pêlos!

Albano – Não tanto assim...

Carlos – Como é que tu sabes?

Locutor – Polícia!

Eva – Foste tu que os chamaste. É melhor que sejas tu a explicar-lhes.

Albano – Não vai ser fácil...

Carlos – Ok...

Carlos sai.

Eva – Desculpa... Foi estúpido da minha parte. Mas senti-me traída.

Albano – A culpa é minha. Devia ter-te contado tudo imediatamente. Mas pronto, estava com medo que não acreditasses em mim.

Eva – Fomos os dois muito estúpidos.

Albano – Nunca é solução, varrer para debaixo do tapete... Acaba sempre por sair.

Eva – Sim. É por isso que é melhor dizer-lhe tu também.

Albano – O quê?

Eva – Ao Carlos! Sobre a Glória.

Albano – De qualquer forma, ela engana-o com tudo o que mexe.

Eva – Sim, mas tu és o melhor amigo dele.

Carlos regressa.

Carlos – Está tudo bem. Eles foram-se embora. Desculpem, não sei o que me deu.

Albano – Estamos todos um pouco perturbados esta noite. Deve ser lua cheia.

Carlos – Não sabia que era lua cheia.

Albano – Bem, se não é lua cheia, é parecido.

Eva – Vou deixar-vos a sós, porque acho que têm muito que conversar.

Eva sai.

Carlos – O que é que ela quis dizer?

Um tempo.

Albano – Eu dormi com a Glória.

Carlos – O quê?

Albano – Juro, foi... totalmente involuntário.

Carlos – Então, a história que me contaste antes eras tu... e a Glória?

Albano – Queria contar-te há muito tempo, mas não sabia como.

Carlos – Mas como é que é possível?

Albano – Essa sacana da Eva costumava emprestar-lhe a nossa cama de casal para os seus encontros.

Carlos – Ok, acredito. E não quero saber mais nada. Tu és o meu melhor amigo, não é?

Albano – Obrigado, Carlos.

Carlos – Todos cometemos erros, quando bebemos demais.

Albano – Eu estava totalmente sóbrio.

Carlos – Bem, não é essa a questão. E a Glória, essa filha da mãe. Ainda bem que não a tenho à minha frente agora, porque seria capaz de a matar!

Albano – Não se mata alguém assim, não te preocupes. Mas se precisares de um advogado, estou aqui... para o teu divórcio, quero dizer.

Carlos – Obrigado... Bem, acho que é melhor deixar-vos. Vocês também precisam de conversar. Vou dormir em casa da minha mãe. Eu digo-lhe que me esqueci das chaves.

Albano – Tem cuidado... Amanhã, vais ver as coisas com mais clareza. E tudo será mais claro para nós todos.

Carlos vai-se embora. Eva volta. Sentam-se no sofá e ficam em silêncio por um momento.

Eva – Foi mesmo involuntário?

Albano – Digamos que foi... inconsciente...

Eva – Ok, vou fingir que acredito.

Abraçam-se.

Albano – Mas é verdade que, desde então, despertou a minha libido.

Eva – Sim, reparei. E até estava a perguntar-me como é que isso aconteceu...

Albano – É que devíamos fazer isto mais vezes.

Eva – Queres dizer... esses encontros às cegas na nossa cama conjugal?

Albano – Tens outras amigas a quem emprestas o nosso apartamento?

Eva – Estava a pensar mais no contrário. Também deves ter amigos que enganam as mulheres. Lembra-te que tens mais um ponto que eu.

Albano – Perdão, mas só tenho amigos fiéis.

Eles beijam-se.

Escuro.

Epílogo

Três malas alinhadas num canto da sala. Eva chega da rua e tira a gabardina.

Eva – Querido! Estás em casa?

Albano chega.

Albano – Então, como é que foi?

Eva – Eles adoraram a peça. Decidiram produzi-la no outono.

Albano – A sério? É óptimo!

Eva – E acharam o título fantástico.

Albano – Um pequeno homicídio sem consequências... Soa melhor que *Microondas...*

Eva – Devemos referir que é experiência própria...

Albano – Ou quase...

Eles beijam.

Eva – No final, tudo acaba bem.

Albano – Sempre acreditei em ti. Mesmo quando me contavas histórias de mortes e afins

Eva – Afinal, esta experiência aproximou-nos. Prometo-te que nunca mais te vou mentir.

Albano – E eu nunca mais te escondo nada.

Eva repara nas malas.

Eva (*preocupado*) – O que são estas malas? Já me vais deixar? Depois de tudo o que me disseste.

Albano – São as malas do Carlos. Ele perguntou-me se podia passar cá a noite. Acho que as coisas não correram bem com a Glória. Ele não sabe para onde ir.

Eva – Que chato...

Albano – Devemos-lhe isso...

Eva – Bom ok... Mas não mais do que uma noite, então.

Toca a campainha.

Albano – Deve ser ele.

Eva – Ok, vou buscar o champanhe.

Albano – Para celebrar o divorcio do Carlos?

Eva – Para celebrar o sucesso da minha peça! Não faz mal, bebemos com ela.

Eva sai. Albano abre a porta e volta com Carlos.

Albano – Não pareces estar bem. Tiveram uma discussão, não foi?

Carlos – Olha Albano... Acho que fiz uma estupidez.

Albano – Estás a assustar-me. Que tipo de estupidez?

Carlos – Acho que matei a Glória.

Albano – Ah não, não... essa, já ouvi antes. Não duas vezes...

Carlos – Tivemos uma pequena discussão, nós dois. A coisa ficou feia. E eu disse-lhe para sair de casa imediatamente.

Albano – E depois?

Carlos – Bem... Ela foi buscar as malas. Foi aí que as coisas se descontrolaram.

Albano – Descontrolaram?

Carlos – Estava a cortar uma galinha. Tinha uma faca eléctrica na mão, e... talvez tenha ido um pouco longe demais.

Albano – Mas onde ela está? No hospital?

Carlos – Infelizmente, já era tarde para o 112. Eu só queria assustá-la. Ela aproximou-se para me desafiar. Fiz um movimento reflexo, e... cortei-lhe o pescoço.

Albano – Oh meu Deus... O pesadelo continua. E onde está?

Carlos aponta para as malas.

Carlos – Eeh... nas malas...

Albano – Não...

Carlos – Vou precisar do teu conselho, Albano.

Albano – O meu conselho como advogado? Não te iludas, Carlos. Posso ser um assassino, mas não vamos poder fazer com que pareça um acidente doméstico.

Carlos – Estava a imaginar que o tubo da banheira, depois de um banho de ácido....

Albano – Vou ter de falar com a Eva...

Eva regressa, com um sorriso no rosto, e a garrafa de champanhe.

Eva – Champanhe!

Albano e Carlos olham para ela, espantadas.

Escuro.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação pública fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim
do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Flagrante delírio
Happy Hour
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comédias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está
cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

Albano e Eva
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Paris – Abril 2021
© La Comédiathèque – ISBN 978-2-37705-588-3

Documento para download gratuito